

Article

Aspectos idiossincráticos da transcrição braille para teclados abordados a partir da peça “Gaúcho, O Corta-Jaca de cá e lá”, de Chiquinha Gonzaga**Idiosyncratic aspects of braille transcription for keyboards based on the play "Gaúcho, O Corta-Jaca de cá e lá" by Chiquinha Gonzaga**JÉSSICA DE ALMEIDA ROCHA FRANCO¹ & JONATHAN DE AQUINO FRANCO ROCHA²

Abstract. This article reflects about the conditions of production and distribution of music scores in braille code for blind and low vision musicians in Brazil, based on objective data from the census carried out by the Brazilian Institute of Geography and Statistics in 2010 about visually impaired people in Brazil. Reflects as well in the Brazilian Law of Inclusion of Persons with Disabilities, of 2015, about accessible materials for that audience. Such data give the reality of braille transcription the need to encourage the training of editors and the distribution of scores. The choice of a composition by Chiquinha Gonzaga for braille transcription was due to the fact that the composer was not only a prominent musician of her time, but also played a leading role in women and stood out for her pioneering spirit in areas previously dominated by the men, opening the way for subsequent generations to continue in the musical environment with more egalitarian ideals. As the composer, the braille music still fights for an equal place in the music scene. Through an overview of the problems of braille transcription of keyboard scores, this article presents particularities of this way of writing and reading music and reasons why such a service requires a solid professionalization.

Keywords. Braille transcription, braille music code, braille sheet music, Braille System, visually impaired people.

Resumo. O presente artigo reflete sobre as condições da produção e da distribuição de partituras em braille para músicos cegos e com baixa visão no Brasil, baseando-se nos dados objetivos do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010 sobre pessoas com deficiência visual no Brasil, bem como na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 2015, sobre materiais acessíveis para tal público. Tais dados conferem à realidade da transcrição braille a necessidade de fomentar a formação de editores e de distribuição de partituras. A escolha de uma composição de Chiquinha Gonzaga para transcrição braille decorreu do fato de que a compositora não apenas foi uma proeminente musicista de sua época, como também exerceu protagonismo feminino e destacou-se por seu pioneirismo em áreas antes dominadas pelo público masculino, abrindo caminho para que gerações seguintes prosseguissem no meio musical com ideais mais igualitários, rompendo padrões classistas no

¹ Editora braille independente, mestre em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Licenciada em Música (UNESP) e Pedagogia (USP).

² Bacharel em Composição Musical pela UNESP, editor braille independente atuante com Jéssica Franco através da marca de serviços Rocha & Franco Musicalidades.



cenário artístico. Tal como a compositora, a área da musicografia braille ainda luta por um lugar igualitário no cenário musical. Por meio de um panorama sobre as problemáticas de transcrição braille de partituras para teclados, este artigo apresenta particularidades deste modo de escrita e leitura musical e razões pelas quais tal serviço exige uma sólida profissionalização.

Palavras-chave. Transcrição braille, musicografia braille, partituras em braille, Sistema Braille, pessoas com deficiência visual.

1. Transcrição braille de “Gaúcho – O Corta-Jaca”

A oportunidade de trazer a público a transcrição braille da obra “Gaúcho O Corta-Jaca” decorreu de um pedido realizado por uma aluna com deficiência visual de Jonathan de Aquino Franco Rocha, como escolha de peça para tocar em aula. A transcrição foi realizada através da leitura da obra original disponibilizada pelo acervo digital presente na página virtual chiquinhagonzaga.com. A edição braille pontos negros dessa obra podem ser acessada integralmente através do acervo digital *International Music Score Library Project (IMSLP)*, plataforma pela qual o editor tem disponibilizado edições braille transcritas e revisadas em conjunto com sua sócia, editora independente, Jéssica Franco.

Francisca Edwiges Neves Gonzaga (1847-1935), nascida no Rio de Janeiro, entrou para o cenário da música brasileira com brilhantismo e pioneirismo, não apenas por ser uma proeminente compositora que rompeu paradigmas ao unir diferentes sonoridades musicais presentes no Rio de Janeiro de sua época, mas, também, por ter exercido protagonismo feminino em uma época onde o espaço artístico musical, embora comum a mulheres da alta sociedade, era um destino quase sempre distante para mulheres musicistas que ousassem exercer autonomamente um papel criativo.

Em meados do século XIX, outro evento que ocorria no Rio de Janeiro do Segundo Reinado era a determinação real de Dom Pedro II para a construção do Instituto Benjamin Constant, na época denominado Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Houve um grande salto progressista no Brasil em relação à abertura das portas da Educação para pessoas com deficiência visual, pois o Imperial Instituto dos Meninos Cegos foi inaugurado em 1854, mesmo ano em que o governo francês oficializou o Sistema Braille como sistema de leitura e escrita das pessoas cegas, um ineditismo no cenário da Educação a nível internacional. Desde então, esse sistema de escrita e leitura vem sendo ensinado no Brasil e tem sido propagado através de transcrições de obras literárias, musicais e todo tipo de material escrito.

Tratando-se da música nacional brasileira, os atuais acervos de musicografia braille no Brasil são deficitários, não havendo em nenhuma instituição brasileira atualmente um esforço direcionado especificamente para transcrição braille de obras musicais nacionais. Os poucos acervos nacionais aos quais temos acesso na atualidade dependem, quase sempre, de encomendas particulares realizadas por músicos, ou, mais raramente, de projetos culturais contemplados por algum edital (como, por exemplo, os cinco volumes de *Musicografia Braille da Coleção Regionais*, publicados pela Fundação Dorina Nowill Para Cegos³). Embora o Brasil tenha sido o primeiro país a buscar uma

³ De autoria de Jonathan Franco.

equidade de polo educacional para pessoas cegas à mesma época da França de 1854, a realidade atual da produção de música em braille é distinta da realidade dos acervos de países como Estados Unidos, França, Espanha, Itália, Alemanha (dentre outros), onde a editoração braille atingiu patamares muito mais elevados quantitativamente, em especial em relação à música nacional desses países.

O objetivo geral deste artigo é trazer à reflexão de leitores e pesquisadores o grau de conhecimento técnico que a transcrição braille exige de um editor de música, levando à possível conclusão de que necessitamos de maior abrangência acadêmica no que concerne à formação de profissionais deste ramo, bem como maior fomento no que diz respeito à produção e distribuição de edições musicais em braille.

2. Inclusão e Acessibilidade da pessoa com deficiência visual no meio musical brasileiro

Foi promulgada no Brasil a Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015, intitulada “Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência”, que assegura o direito à igualdade de acessibilidade às pessoas com deficiência em todos os diversos espaços da sociedade.

No campo dos estudos e da profissionalização, o direito à alfabetização e ao acesso a materiais didáticos trouxe ao mercado editorial um amplo aumento de impressões de livros em braille⁴, especialmente aqueles direcionados às escolas de rede básica, universidades e cursos profissionalizantes em geral. Programas de grande amplitude como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) passaram a distribuir os livros destinados às escolas públicas brasileiras transcritos para o braille com as devidas adaptações⁵. Os materiais impressos em braille não se resumem apenas a materiais didáticos e livros de pesquisa e literatura, mas abrangem todos os materiais físicos que são originalmente impressos em tinta, dentre eles as partituras musicais.

No que concerne às pessoas com deficiência visual, o Relatório Anual Resumido da Fundação Dorina Nowill Para Cegos (2020)⁶, traz detalhes sobre o censo do IBGE realizado em 2010: “existem mais de 528 mil cegos no Brasil, e mais de 6 milhões de pessoas com baixa visão” (p. 3). Números que, quando somados, representam mais de 3% da população brasileira. Os dados objetivos do IBGE, quando somados à legislação vigente acerca de inclusão e acessibilidade no Brasil, quando analisados ao lado do cenário atual, denunciam que proporcionalmente há uma baixa distribuição de partituras em braille no Brasil, denotando uma grande carência neste cenário editorial.

As instituições responsáveis pelo preparo e distribuição de materiais impressos em braille, sejam empresas privadas, públicas ou organizações não governamentais, seguem os parâmetros impostos pela Comissão Brasileira do Braille (CBB), que asseguram a qualidade de acesso do material: isto é, para que um material impresso em braille esteja acessível ao leitor, deverá apresentar-se de acordo com os materiais técnicos distribuídos em plataformas virtuais, públicas e governamentais, a fim de que o leitor, ao receber tal material, encontre-o em condições condizentes com suas reais necessidades de leitura. Basicamente, tais parâmetros garantem que o(a) editor(a)

⁴ A Comissão Brasileira do Braille (CBB) aderiu à origem francesa da palavra, que é grafada conforme o nome do criador de Sistema Braille.

⁵ As adaptações, em transcrição braille de livros didáticos, referem-se às descrições de imagens, desenhos em alto-relevo, linearização textual de tabelas e gráficos.

⁶ Organização sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, fundada por Dorina Nowill, que atende pessoas com deficiência visual no Brasil há mais de 70 anos. Situada em São Paulo (capital), exerce importante papel na atualidade brasileira no que diz respeito à distribuição de materiais didáticos em braille.

braille prestará um serviço coerente com a realidade da pessoa cega ou com baixa visão, sem pautar-se em entendimentos sobre leitura que fazem parte do universo de leitura dos videntes⁷. Dentre os materiais técnicos em vigência no Brasil, aqueles que são fundamentais à formação em editoração de musicografia braille são: Novo Manual Internacional de Musicografia Braille; Grafia Braille Para a Língua Portuguesa; Normas Técnicas Para Produção de Textos em Braille.

Cada manual técnico distribuído digitalmente em plataforma governamental tem como intuito assegurar a qualidade de produção dos materiais do modo como é proposto pela Comissão Brasileira do Braille. A exemplo, a Grafia Braille para Língua Portuguesa (2018) estabelece que:

A partir da vigência do novo Acordo Ortográfico, do uso da Grafia por vários países do CPLP e as novas demandas da Língua Portuguesa, o MEC, com o trabalho da Comissão Brasileira do Braille, disponibiliza a 3ª versão da *Grafia Braille para a Língua Portuguesa*, revisada e atualizada. (p. 11)

As atualizações observadas neste documento tomaram como base os critérios:

- i. Adequar os textos ao novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, uma vez que a sua última edição foi publicada antes da entrada em vigor do referido acordo.
- ii. Preservar a qualidade dos textos em braille e, principalmente, o seu melhor aproveitamento por parte do leitor, em especial dos livros didáticos, nos quais são constantes as alterações de diagramação, a inserção de novos símbolos e o uso de novos recursos nas representações gráfica e de imagens (mapas, tabelas, fluxogramas, histórias em quadrinhos, gráficos e outras representações), exigindo de adaptadores, designers, transcritores e revisores cada vez mais empenho e conhecimento.
- iii. Oferecer maior variedade de exemplos aos profissionais supracitados, objetivando tornar o seu trabalho mais rápido e mais eficaz.
- iv. Garantir a padronização dos textos produzidos em todo o país, prática indispensável para que todos os estudantes cegos possam continuar usufruindo dos livros em Braille como o principal instrumento para o seu pleno desenvolvimento intelectual.
- v. Inserir símbolos que ficaram ausentes das edições anteriores (masculino e feminino, por exemplo).
- vi. Inserir símbolos que se tornaram usuais após a última edição do documento (hashtag, por exemplo).
- vii. Rever as regras de aplicação de alguns símbolos (parênteses, por exemplo), objetivando torná-las mais simples.
- viii. Tornar a linguagem do documento mais clara e objetiva.
- ix. Oferecer a usuários do Sistema Braille e profissionais da área documentos que lhes tragam informações atualizadas e que possam orientá-los nas suas atividades estudantis e profissionais.

O principal objetivo deste documento é permitir que o Sistema Braille continue sendo o instrumento fundamental na educação, habilitação, reabilitação e profissionalização das pessoas cegas. (*Grafia Braille para Língua Portuguesa*, 2018, p.13-14)

É importante salientar que para exercer a profissão de editor de musicografia braille, o(a) profissional deve apresentar fluência no entendimento do funcionamento do Sistema Braille, bem como a escrita do mesmo em sua língua e a escrita do mesmo no que se refere à linguagem musical. Isto porque o Sistema Braille é polivalente, sendo um único sistema válido para todas as formas de escrita. Deste modo, antes de dar início ao aprendizado da musicografia braille, o(a) editor(a) terá sido alfabetizado em braille,

⁷ Termo utilizado para referenciar as pessoas que enxergam.

assim como o músico com deficiência visual precisará ler e escrever em braille antes de dar início ao aprendizado das partituras musicais.

O ensino do Sistema Braille ocorre documentadamente no Brasil desde o ano de 1854, no entanto, observamos grande defasagem nos acervos musicais que ainda encontram dificuldades para atender à pronta entrega o público com deficiência visual, seja pela falta de materiais impressos em braille, ou pela falta de profissionais atuantes no ramo da musicografia braille em mercado editorial.

O Relatório Anual da Fundação Dorina Nowill Para Cegos (2020) afirma que foram produzidas em 2020 pela gráfica da instituição:

5.510.816 páginas em braille para atender ao PNLD;
196.000 páginas de Calendários Acessíveis 2021 da Fundação Dorina; 90.618 páginas para materiais da Secretaria de Cultura; 90.000 páginas para a Novartis Estadão; 208.000 páginas para o projeto Itaú Leia para uma criança. (p. 35)

Essa realidade, porém, não se estende às produções de partituras musicais em braille. Outras instituições, públicas ou privadas, realizam semelhante prestação de serviços à sociedade, sem, contudo, oficializar a produção de partituras musicais de modo contínuo e permanente, contratando profissionais para serviços musicais esporádicos. Em parte, este cenário reflete a falta de cursos profissionalizantes no Brasil que possam agregar a esta área novos editores e pesquisadores do ramo, legando aos setores de pós-graduação das universidades a única possibilidade e recanto para aprendizado com pesquisa em musicografia braille.

Durante seis décadas, Zoilo Lara de Toledo (1930-2019) atuou no Brasil como editor de musicografia braille da Fundação Dorina Nowill Para Cegos, contribuindo com um acervo de partituras musicais e oferecendo aulas particulares a músicos com deficiência visual e jovens editores que passaram pelo editorial da Fundação Dorina Nowill. Segundo Franco (2017):

Por volta de 1930 chegou ao Brasil o pianista italiano Alfredo Sangiorgi, uma pessoa cega com capacidade e inteligência prodigiosas; dizia-se formado pelo prestigioso Conservatório de Milão (Itália). Estabelecendo-se na cidade de São Paulo, Alfredo tornou-se professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e professor no Instituto de Cegos “Padre Chico”. Em 1939, Zoilo Lara de Toledo, por ter baixa visão, iniciou seus estudos escolares no Instituto de Cegos “Padre Chico”, vindo a estudar piano e musicografia com o professor Alfredo que aplicava os métodos em braille trazidos da Itália. (p. 20)

O acervo digital de partituras musicais da Fundação Dorina Nowill conta com diversas transcrições realizadas por Zoilo Lara e Jonathan Franco, dentre métodos clássicos para videntes transcritos, até transcrições inéditas de obras analisadas. Além do falecimento do professor Zoilo em 2019, houve também uma crise econômica que acentuou a demissão e desistências de diversos profissionais do ramo na mesma instituição.

O mercado editorial braille local vem afunilando-se desde então e tornou-se comum a contratação de serviços temporários de editores autônomos em São Paulo. Por outro lado, novos pesquisadores em musicografia braille vêm apresentando crescente interesse no Brasil pela transcrição de partituras e pelo ensino da leitura e da escrita das mesmas.

3. Um panorama sobre a leitura e escrita da musicografia braille

O Braille é um Sistema tátil e polivalente de escrita e leitura que contempla diversas línguas em todos os continentes, bem como os símbolos encontrados nas linguagens: matemática, informática, química, física, musical. Trata-se de um Sistema de 63⁸ caracteres em alto-relevo que podem ser compreendidos pela ponta dos dedos do leitor. Cada caractere encontra-se no espaço de uma cela braille, tal cela quando apresentada com seus seis pontos em relevo chama-se “sinal fundamental” (Grafia Braille para a Língua Portuguesa, 2018, p. 17).

É importante ressaltar que a alfabetização braille prescinde de um treinamento tátil, uma educação do tato para que as percepções sensoriais da pessoa com deficiência visual desenvolvam-se assim como sua própria compreensão da leitura e da escrita. Desse modo, compreende-se que o ensino do braille não deve ser orientado pelas mesmas normas dos materiais impressos em tinta para videntes, e em tal compromisso encontra-se, também, o ensino da musicografia braille. Significa afirmar que o ensino da musicografia braille possui uma lógica inerente ao próprio Sistema Braille, que diz respeito à educação do tato e à horizontalidade dessa forma de escrita e leitura, e não à teoria musical ocidental universalmente conhecida, nem às metodologias de ensino de partituras modernas em tinta já tradicionalmente consagradas.

Louis Braille criou seu Sistema de escrita e leitura a partir de códigos táteis que lhe foram apresentados pelo capitão de artilharia de Napoleão, Charles Barbier. Barbier havia criado um sistema de comunicação noturna para seus subordinados, para que pudessem se comunicar a longas distâncias sem despertar a atenção dos oponentes em batalha. Tal fato acabou por levar o jovem estudante Louis Braille a uma insistente busca por aperfeiçoamento do sistema tátil de comunicação. A fundamental importância da invenção de Braille foi o fato de que, a partir de seu Sistema tátil de 63 caracteres, as pessoas cegas poderiam não apenas ler rapidamente⁹, como poderiam escrever de modo autônomo, e, com isso, desenvolverem-se com maior potencial em todas as demais áreas da vida em sociedade.

A cela braille é representada por duas colunas e três pontos em cada coluna, contados de cima para baixo: pontos 1, 2 e 3 na coluna esquerda; pontos 4, 5 e 6 na coluna direita.

⁸ Alguns pesquisadores adotam o espaço entre as palavras como um caractere, considerando que existam 64 caracteres. Para este artigo foi adotado o parâmetro do próprio criador do Sistema Braille – 63 caracteres.

⁹ Na época de Louis Braille, seu colégio possuía um acervo de livros táteis escritos com alfabeto latino em alto relevo. A leitura desses volumes era lenta e os livros eram pesados pela grande proporção de suas páginas, levando longos períodos para serem produzidos. Outro importante detalhe acerca da produção e leitura destes livros era que os estudantes cegos podiam ler quantos volumes quisessem, mas não podiam escrever autonomamente.

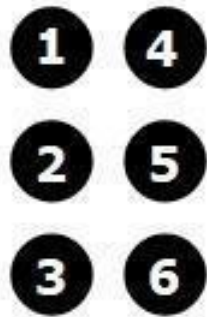


Fig. 1: Cella braille.

Segundo Abreu, Santos, Felipe e de Oliveira (2018): “a configuração espacial da cela braille é de 2,5 mm entre pontos, 3,5 mm entre celas horizontalmente e 5 mm entre celas verticalmente” (p. 32). Esses parâmetros são estabelecidos universalmente, o que significa dizer que, para que um material impresso seja considerado adequado à leitura tátil, as celas braille apresentarão sempre essa configuração espacial, não havendo, portanto, diferenciação de fontes para a escrita braille.

O Sistema Braille foi dividido por seu criador em sete sequências de caracteres que possuem uma lógica inerente ao tato. Isso requer dizer que, ao entrar em contato com o Sistema, é necessário e conveniente respeitar a ordem das séries do mesmo, pois ela favorece a memorização tátil dos caracteres.

A primeira sequência possui caracteres que apresentam somente os pontos da parte superior da cela. A segunda sequência possui caracteres que apresentam os mesmos pontos dos caracteres da primeira sequência, mas com acréscimo do terceiro ponto. A terceira série repete os pontos da primeira série, mas com acréscimo dos pontos 3 e 6. A quarta série segue no mesmo processo: repete a primeira sequência, mas com acréscimo do ponto 6 em todas as celas. A quinta série apresenta uma configuração tátil idêntica à da primeira sequência de caracteres, porém, com os pontos na parte rebaixada da cela. Sexta e sétima séries apresentam caracteres sem partir da mesma lógica que as anteriores.

Na imagem seguinte, os 63 caracteres braille estão representados conforme a seriação estabelecida por Louis Braille. Estão destacados pela cor amarela sete caracteres das quatro primeiras séries do Sistema para demonstrar a localização das sete notas musicais na Ordem Braille.

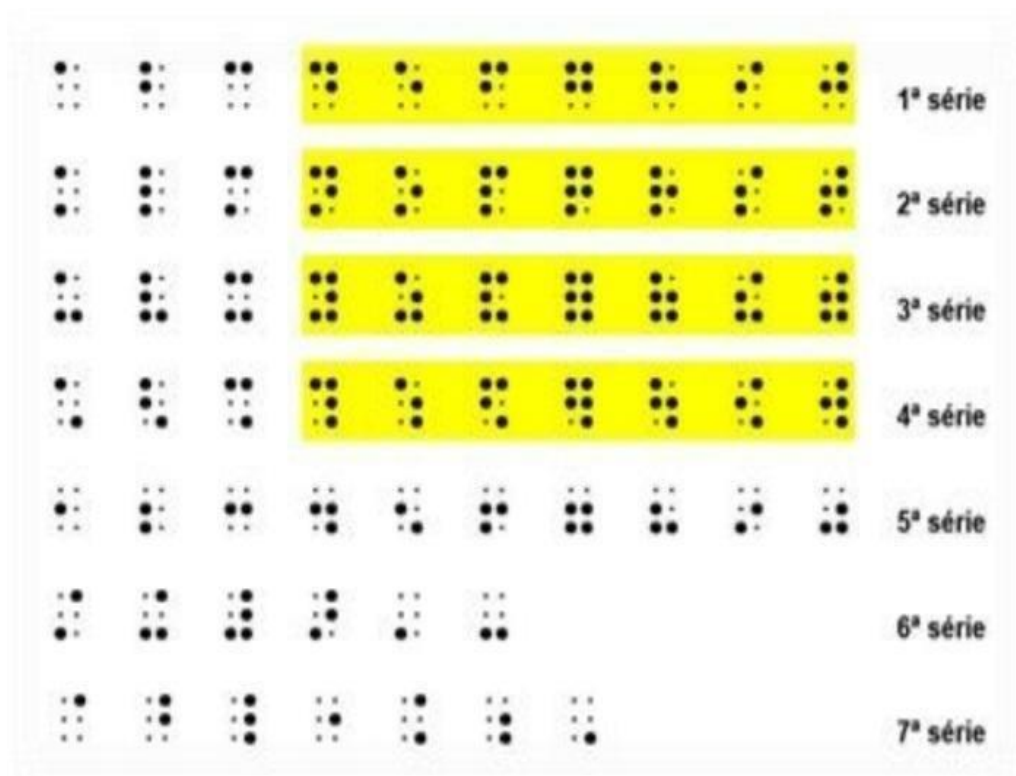


Fig. 2: Localização das notas musicais no Sistema Braille.

Quando iniciado na leitura da musicografia braille, o músico memoriza a sequência de notas musicais priorizando as séries do Sistema Braille conforme a ordem proposta originalmente por Louis Braille. Isto é, memoriza-se primeiramente as notas presentes na primeira série (destacadas em amarelo, respectivamente da esquerda para a direita: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si), e sequencialmente as notas nas demais séries.

Esses quatro conjuntos de sete notas musicais presentes nas quatro séries representam tanto altura quanto proporção de duração. Isto é, representam:



Fig. 3: Representação das notas musicais em tinta/braille¹⁰.

¹⁰ Termo utilizado no meio editorial para especificar a representação em tinta, ou pontos negros, do braille.

Na imagem anterior observa-se que cada sequência de sete notas (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si) representa duas figuras musicais simultaneamente: semibreves são grafadas como as semicolcheias; mínimas são grafadas como as fusas; semínimas são grafadas como as semifusas; colcheias são grafadas como as quartifusas. Para o leitor de musicografia braille, seja iniciante ou experiente, o que diferencia as figuras proporcionalmente maiores das menores é o contexto da escrita musical, porém, há sinais específicos que podem ser utilizados para indicar ao músico (quando há risco de ambiguidade na leitura) se a nota escrita trata de uma figura de maior ou menor proporção temporal.

As colcheias e quartifusas são as primeiras figuras musicais apresentadas ao iniciante na leitura da musicografia braille, pois encontram-se na primeira série do Sistema, e, portanto, oferecem maior facilidade no ato da memorização tátil, já que os pontos desses caracteres são escritos unicamente na parte superior das celas braille. Dando sequência no aprendizado, surgem as mínimas e fusas; semibreves e semicolcheias; e, por fim, semínimas e semifusas. Essa ordem de apresentação das figuras musicais difere substancialmente da ordem de apresentação das mesmas na partitura em tinta ensinada tradicionalmente no ocidente.

Há substanciais diferenças no ato da leitura musical em relação à partitura em tinta e à partitura em braille. A partitura musical em tinta caracteriza-se pelas qualidades:

- Essencialmente visual, pode ser considerada “imagética”;
- Permite uma leitura sucessiva e também simultânea de todos os conteúdos musicais que se apresentam ao campo visual do leitor; permite, ainda, a leitura vertical, horizontal e transversal das figuras musicais;
- Uso de claves e pentagramas para a escrita e a identificação das notas;
- Permite a leitura e a execução ao instrumento simultaneamente.

As qualidades presentes na partitura musical em braille, por sua vez, resumem-se a:

- Escrita horizontalizada, textual.
- Leitura tátil a ser realizada pela ponta de um ou mais dedos (comumente o indicador de uma das mãos, sendo a destreza tátil particular de cada leitor), realizada caractere por caractere;
- Leitura apenas sucessiva, sem simultaneidade, pois o leitor realiza a leitura de um caractere por vez, em uma linha escrita por vez;
- Uso de sinais de oitava aplicados anteriormente às notas para indicar a altura das mesmas, dispensando-se, portanto, a escrita das claves;
- Caracteres utilizados para grafar as notas indicam, também, proporção de duração;
- Partituras destinadas à memorização, sendo raras as exceções em que um músico realiza uma leitura com uma das mãos e a execução ao instrumento (em um piano, por exemplo) ou voz ao mesmo tempo.

O documento oficial utilizado em todos países como orientação e regulamentação da transcrição braille de partituras musicais é o “Novo Manual Internacional de Musicografia Braille”, resultante de uma série de estudos realizados pelo Subcomitê de Musicografia Braille da União Mundial de Cegos (UMC). Louis Braille, enquanto inventor

do sistema de escrita e leitura tátil, era músico (organista¹¹) e preocupou-se desde o início em oferecer uma forma de documentar as partituras musicais para pessoas cegas. Vale ressaltar que Braille viveu na França do século XIX e conheceu repertórios de sua época e nacionalidade (bem como nacionalidades próximas), à maneira de escritura musical de sua época, o que acarretou em necessárias atualizações nos séculos seguintes.

Em 1888 foi publicado um manual após a conferência de Colônia, e, na sequência, dois outros manuais de musicografia braille nas conferências de Paris, respectivamente em 1929 e em 1954. Diversos assuntos relacionados à musicografia braille continuaram a ser discutidos nas décadas seguintes, até que, em 2004, o Novo Manual Internacional de Musicografia Braille (utilizado atualmente em território nacional) foi recompilado por Bettye Krolick, e sua tradução para o português se deu através da versão espanhola.

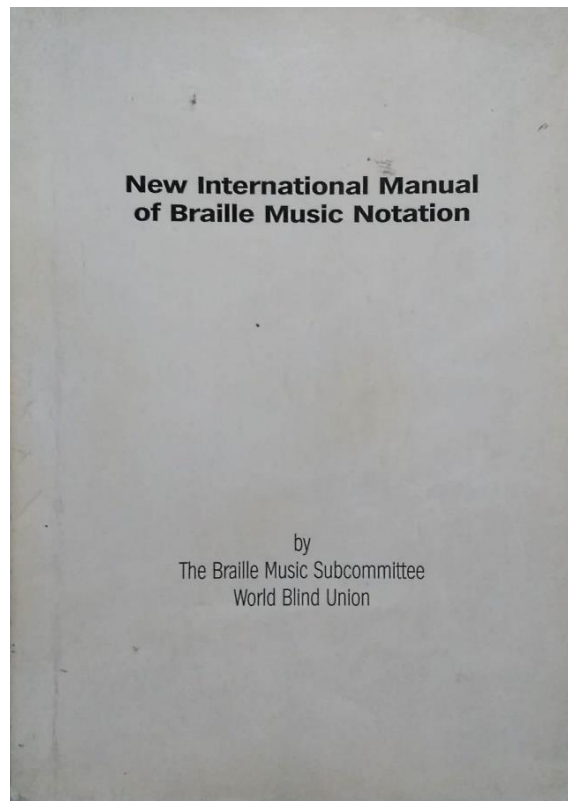


Fig. 4: Capa do livro *New International Manual of Braille Music Notation* do Subcomitê de musicografia braille da União Mundial de Cegos (UMC).

Algumas diferenças podem ser observadas no estilo de transcrição adotado por cada país ou por suas diferentes regiões, prevalecendo as indicações dadas pela tradução oferecida em cada território.

No que concerne às diferenças de traduções, a edição brasileira traz as seguintes notas de recompilação:

¹¹ Louis Braille foi influenciado por Marie Therèse Von Paradis, célebre pianista, cantora e concertista cega austríaca, no aprendizado musical. A trajetória da pianista que, como ele era cega, teria levado Braille a dedicar-se no seu desenvolvimento musical.

1. A maior parte dos exemplos constantes da presente publicação foi transcrita, mediante autorização, de manuais anteriores sobre musicografia braille.
2. Quando se tiver de usar símbolos “nacionais” nas partituras musicais, como, por exemplo, os símbolos “mais”, “menos”, etc., esta simbologia constará do início da publicação. Empregam-se neste manual os símbolos nacionais da língua portuguesa, exceto quando interferirem nos sinais musicais importantes, como é o caso dos parênteses.
3. Na edição em braille, os símbolos de música isolados aparecem com um sinal gerador em cada lado. Visando a manter certa coerência, a estrutura da clave e a indicação de compasso aparecem centralizadas acima dos exemplos, salvo em trechos muito breves, nos quais a estrutura poderá ser incluída na mesma linha de música
4. Nos detalhes que diferenciam alguns exemplos musicais de outros, podemos citar os seguintes:
 - A. Certos exemplos se iniciam na margem, enquanto as linhas seguintes começam na terceira cela; outros começam na terceira cela e as linhas seguintes se iniciam na margem; outros, ainda, têm todas as linhas alinhadas na primeira ou na terceira cela.
 - B. Alguns formatos requerem um sinal de oitava junto à primeira nota de cada linha; outros não utilizam os símbolos de oitava para esta finalidade. Por isso, incluímos no livro exemplos dos dois tipos.
 - C. Alguns exemplos de música para teclado apresentam um símbolo de oitava junto à primeira nota de cada compasso; outros, no entanto, não o apresentam.
 - D. Alguns países agrupam os valores menores com maior frequência que outros. Há exemplos de ambas as posturas.
 - E. Em determinados países, os símbolos de clave são mais usados que em outros. Encontramos exemplos de ambos os casos.
5. Neste manual de simbologia não se detalham os formatos específicos de transcrição usados em todo o mundo.
6. Devido aos insistentes pedidos de âmbito internacional exigindo que a música em braille reflita o original impresso com a maior fidelidade possível, adotamos esta filosofia em todos os nossos exemplos, inclusive com o uso de ponto depois das abreviaturas, a presença ou ausência de acentos nas palavras estrangeiras, etc.
7. Foram montados quadros contendo trechos das Tabelas de Símbolos por todo o texto, antes dos exemplos nos quais apareceriam.
8. Os termos “normalmente” e “geralmente” são usados quando se tem conhecimento de que pelo menos um país não acompanha essa prática. As duas palavras são sinônimas. Os termos “deve” ou “deveria” referem-se a um acordo internacional.

(Novo Manual Internacional de Musicografia Braille, 2004, p. 13-15)

4. Idiossincrasias da transcrição braille presentes na edição braille de “Gaúcho, O Corta- Jaca”¹²

Uma das obras de Chiquinha Gonzaga mais executadas em todo o mundo, o Corta-Jaca é um tango brasileiro que apresenta uma escritura musical para teclado em duas pautas que se dividem, essencialmente, em: notas em acordes que se alternam com uma linha melódica extensa; e notas executando o ritmo característico da obra.

Para a transcrição braille são sempre levadas em consideração as características da escritura musical no que esta diz respeito a:

¹² A edição em tinta utilizada pelo editor para a transcrição braille, foi a partitura distribuída pelo acervo do site <https://chiquinhagonzaga.com/acervo/?musica=gaucho&1463>, acesso em 11 de julho de 2022.

- Forma musical.
- Sinais de repetição ou repetições de compassos, frases e semifrases.
- Contraponto melódico/rítmico ou ausência de contraponto.
- Textura.

Tais características influenciam as decisões de editoração braille, pois o Novo Manual Internacional de Musicografia Braille apresenta, formalmente, três modelos de transcrição braille passíveis de serem utilizados para a transcrição de obras pianísticas (e aceitos oficialmente no ramo editorial). Tais modelos são:

- Modelo de transcrição “compasso por compasso”. Dispõe os compassos desmembrando o sistema da partitura pianística em tinta, apresentando os conteúdos das pautas escritos alternadamente. A partitura é apresentada linearmente na seguinte ordem: um compasso para a mão esquerda; mesmo compasso correspondente para a mão direita; e assim sucessivamente.
- Modelo de transcrição “compasso sobre compasso”. Dispõe os compassos da partitura pianística apresentando-os no espaço da folha de modo semelhante ao da partitura em tinta. Apresenta-se o conteúdo de cada pauta em uma linha diferente, permitindo ao músico a comparação entre o conteúdo da mão direita e o da mão esquerda. No início de cada linha há uma indicação da mão à qual ela se destina.
- Modelo “seção por seção” ou “parágrafos”. Este modelo apresenta um número de compassos à escolha do editor e alterna a apresentação de cada mão. Por exemplo: compassos 1, 2 e 3 da mão direita; compassos 1, 2 e 3 da mão esquerda. Neste caso, cada seção ou parágrafo será indicada por um número a cada três compassos (Seção 1: compassos 1, 2 e 3; Seção 2: compassos 4, 5 e 6; assim por diante).

Os critérios seguidos pelo editor para a escolha do modelo de transcrição da obra de Chiquinha Gonzaga em questão levaram em consideração seus aspectos mais marcantes de textura musical, além da presença de trechos melódicos e rítmicos repetidos. Quanto aos aspectos de textura musical, destaca-se o fato de se tratar de uma melodia acompanhada, com um ritmo marcante e contínuo. Tais elementos sugeriram ao editor braille que o modelo “compasso sobre compasso” seria mais adequado, por permitir a apresentação de um compasso por vez, alternando a linha da mão direita e a linha da mão esquerda de modo a permitir ao músico leitor a comparação entre as duas linhas e uma rápida leitura e memorização dos trechos com as duas mãos simultaneamente compreendidas.

O Manual Internacional de Musicografia Braille aponta, entre suas exigências, para a necessidade de se ater à originalidade da obra, isto é, manter-se o mais fiel possível ao que é apresentado na partitura em tinta, sem omitir nenhuma informação no processo de transcrição.

No início da edição braille, é apresentada uma bula como título “Relação dos sinais específicos em musicografia”.

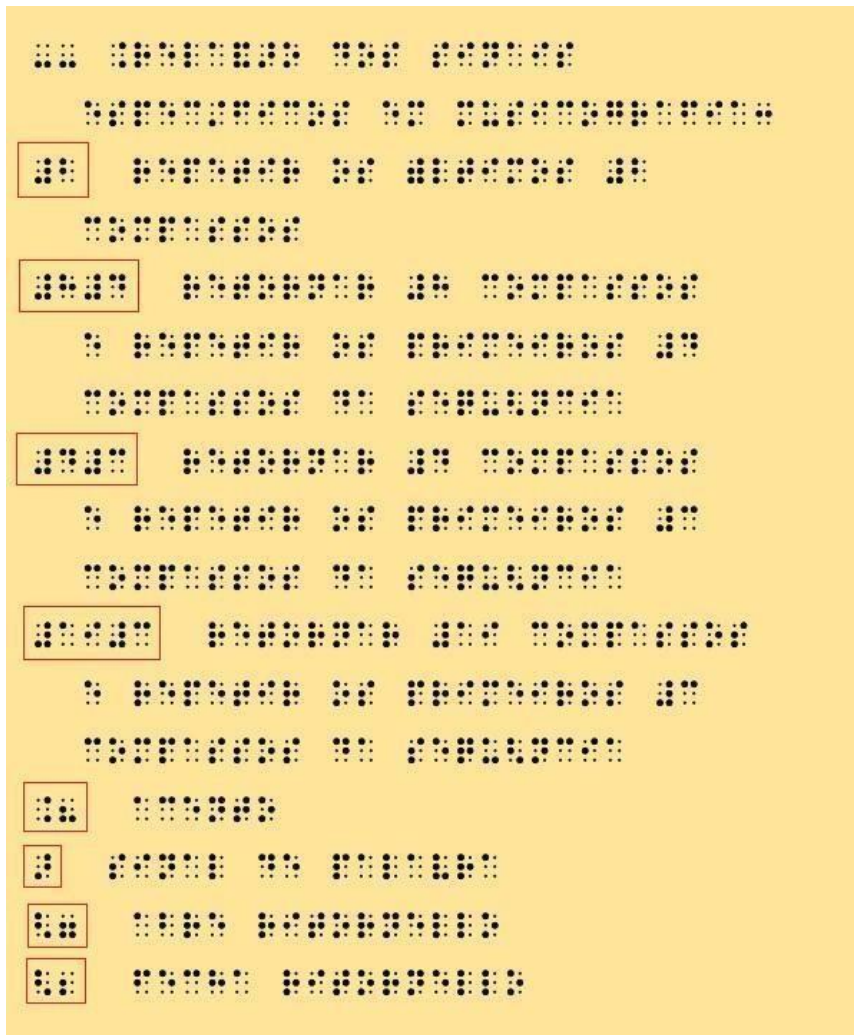


Fig. 5: Sinais musicográficos presentes na bula da edição tinta-braille de “Gaúcho, O Corta Jaca”. Obtido del IMSLP.

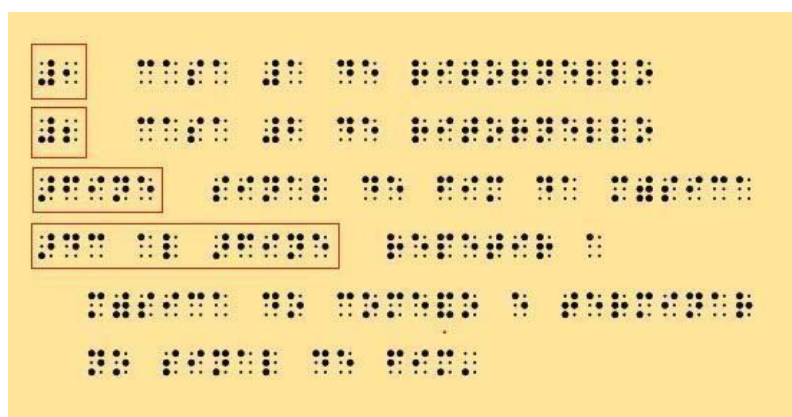


Fig. 6: Sinais musicográficos presentes no final da bula da edição tinta-braille de “Gaúcho, O Corta Jaca”.

Nas imagens anteriores, que mostram os sinais musicográficos, foram destacados pela cor vermelha os mesmos. Significam, respectivamente do primeiro ao último (de cima para baixo nas duas imagens):

- Repetir os últimos dois compassos;
- Retornar oito compassos e repetir os primeiros quatro compassos da sequência;
- Retornar quatro compassos e repetir os primeiros três compassos da sequência;
- Retornar dezenove compassos e repetir os primeiros três compassos da sequência;
- Acento;
- Sinal de palavra;
- Abre ritornello;
- Fecha ritornello;
- Casa 1 de ritornello;
- Casa 2 de ritornello;
- Sinal de fim da música;
- Repetir a música do começo e terminar no sinal de fim.

Percebe-se, ao longo da leitura da edição em tinta/braille, o uso recorrente dos sinais de repetição expostos na bula. Isso ocorre porque tais sinais permitem uma leitura mais rápida da partitura em braille, pois essa será sempre memorizada pelo músico, e poupa-se tempo ao indicar ao leitor a repetição de compassos já memorizados. Segundo o Novo Manual Internacional de Musicografia Braille (2004):

A diferença mais notável entre a escrita musical em braille e a impressa em tinta é a introdução de sinais de repetição que não aparecem no original impresso. As repetições em braille, utilizadas criteriosamente, têm como objetivo facilitar a leitura e a memorização, além de poupar espaço. (p.74).

Considera-se, também, uma relevante preocupação com a economia de espaço, uma vez que a comercialização de materiais impressos em braille ainda apresenta um preço expressivamente alto no Brasil quando comparada com a comercialização de impressões em tinta.

O Novo Manual Internacional de Musicografia Braille apresenta uma tabela com sinais de repetição:

⠠⠠	Repetição de compasso completo ou fração de compasso.
⠠⠠⠠	Separação de repetições com diferentes valores.
⠠⠠⠠⠠	Repetição iniciando em quinta oitava (ou em outra oitava).
⠠⠠⠠⠠⠠	Repetir quatro vezes (ou outro número).
⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Indicação do princípio de trecho a repetir em fermata e música sem compasso.
⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Contagem retroativa e repetição de um número de compassos.
⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Repetição dos quatro últimos compassos (ou outro número).
⠠⠠⠠⠠	Forma mais simples de indicar a repetição anterior.
⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Repetição de determinados compassos.
⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠	Repetição de determinados compassos de uma seção numerada (p. ex., repetir os compassos 9-16 da Seção 2).

Fig. 7: Símbolos da Tabela 9 C do (Novo Manual Internacional de Musicografia Braille, 2004, p. 75).

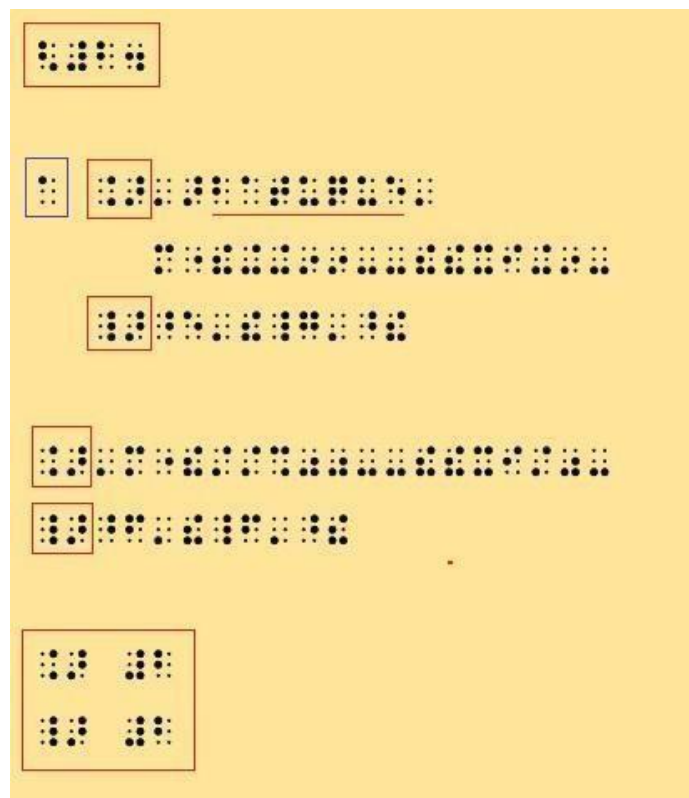


Fig. 8: Representação em tinta/braille dos quatro primeiros compassos de "Gaúcho, O Corta-Jaca".

A imagem anterior apresenta destacado em azul a sinalização do primeiro compasso, e destacado em vermelho os seguintes sinais:

- Um bemol, compasso 2 por 4;
- Sinal de mão direita; Sublinhado: “Batuque”.
- Sinal de mão esquerda;
- Sinal de mão direita (do compasso seguinte);
- Sinal de mão esquerda (do compasso seguinte);
- Sinal de mão direita: repetir os dois últimos compassos;
- Sinal de mão esquerda: repetir os dois últimos compassos

Nota-se, ainda, que entre o primeiro e o segundo compasso, o editor em questão tomou o cuidado editorial de diagramar a partitura sempre separando um compasso do outro por uma linha em branco, isto é: apresenta-se mão direita e mão esquerda (cada qual em uma linha) e adiciona-se uma linha em branco como espaço antes de seguir para o compasso seguinte. Essa decisão editorial não favorece a economia de folhas impressas, porém, facilita a leitura e localização do músico na partitura, podendo este analisá-la com mais facilidade espacial.

5. Considerações finais

Para atuar como editor de musicografia braille faz-se necessário um aprofundado conhecimento do Sistema Braille, bem como conhecimento de análise musical, a fim de apresentar uma compreensão adequada de leitura da obra a ser transcrita, não apenas no quesito da compreensão de códigos, mas, também, de compreensão histórica – visto que modelos de transcrição diferentes entre si oferecerão diferentes perspectivas de leitura para uma mesma música, conforme sua estética e historicidade composicional, e cabe ao editor(a) escolher o modelo de transcrição mais adequado para o músico ao qual se destina a partitura.

Professores de musicografia braille deverão, ainda que não transcrevam suas partituras, dominar esse mesmo entendimento, sobretudo no que diz respeito à lógica inerente às séries do Sistema Braille, para que assim possam oferecer um ensino teórico musical adequado às necessidades da educação do tato de seus alunos, bem como às necessidades concernentes à memorização das partituras musicais.

Há no Brasil, conforme mostram os dados do último censo realizado pelo IBGE, um significativo número de pessoas com deficiência visual que podem ser consideradas potenciais leitores do braille e, portanto, o país carece de maiores investimentos na formação de músicos profissionais em editoração braille, bem como de professores que formem público consumidor para as partituras produzidas.

Por fim, uma valorização da música brasileira como preferencial nos projetos de transcrição braille acrescentaria ao cenário da musicografia braille uma riqueza que propiciaria, também, a disseminação de nosso repertório nacional e a divulgação de acervos provenientes de pesquisas diversas.

Referências

- Abreu, E. M. A. C., Santos, F. C., Felipe, M. C. G. C. & de Oliveira, R. F. C. (2018). *Braille!? O que é isso?* São Paulo, Brasil: Fundação Dorina Nowill para Cegos.
- B.A.N.A. (1997). Music Braille Code. USA: Braille Authority of North America.
- Birch, B. (1993). *Louis Braille*. São Paulo, Brasil: Globo S. A.
- Franco, J. A. (2017). *Música – Região Sudeste*. Coleção Regionais, A Cultura Brasileira Acessível a todos, São Paulo, Brasil: Fundação Dorina Nowill Para Cegos.
- Fundação Dorina Nowill Para Cegos (2020). *Relatório Anual 2020*. Disponível em: https://fundacaodorina.org.br/wp-content/uploads/2021/12/RE_LATORIO-COMPLETO_2020_versao-acessivel-1.pdf.
- Grafia Braille para a Língua Portuguesa. (2018). Brasília, Brasil: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Lei n. 13.098/00 (6 de julho de 2015). Pesquisado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.
- Novo Manual Internacional de Musicografia Braille (2004). Brasil: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Rocha, J. A. F. (2022). *Gaúcho, O Corta Jaca - Edição tinta-braille*. Disponível em [https://imslp.org/wiki/Ga%C3%Acho_\(Gonzaga%2C_Chiquinha\)](https://imslp.org/wiki/Ga%C3%Acho_(Gonzaga%2C_Chiquinha)).